

VOZES DA TERRA

Arquitetura Ancestral Negra como Memória, Corpo e Território

VOICES OF THE EARTH
Ancestral Black Architecture as Memory, Body and Territory

Ana Carolina Belém Lemos Dias¹

Resumo

A presença e resistência da arquitetura ancestral negra no Brasil manifestam-se nos modos de habitar, construir e viver, especialmente nas periferias urbanas e comunidades tradicionais. Práticas como o uso do tijolo aparente, símbolos como o Sankofa em ornamentos de ferro e o cultivo de plantas medicinais preservam uma memória coletiva que atravessa gerações, configurando territórios negros como espaços de cuidado e pertencimento. Esses saberes, muitas vezes invisibilizados, revelam-se na autoconstrução, nos rituais comunitários e nas festas populares, transformando o espaço urbano em território de resistência cultural. Tais modos de vida dialogam com autores contemporâneos e com fundamentos espirituais e técnicos das civilizações africanas. Ao valorizar o passado, reatam vínculos com o presente e apontam caminhos futuros mais sensíveis e inclusivos. O texto propõe uma leitura poética e política da cidade como espaço sagrado, onde a cultura negra se afirma como força de reencantamento, identidade e justiça social.

Palavras-chave: arquitetura ancestral; cultura negra; memória coletiva; resistência cultural; territórios urbanos.

Abstract

The presence and resilience of ancestral Black architecture in Brazil manifest in ways of inhabiting, building, and living, especially within urban peripheries and traditional communities. Practices such as the use of exposed brick, symbols like Sankofa in iron ornaments, and the cultivation of medicinal plants preserve a collective memory transmitted across generations, shaping Black territories as spaces of belonging and care. These forms of knowledge, often rendered invisible, emerge through self-construction, community rituals, and popular festivities, transforming urban space into a territory of cultural resistance. Such modes of life engage with contemporary authors while drawing on the spiritual foundations and technical traditions of African civilizations. By recovering and honoring the past, they reconnect with the present and indicate more sensitive and inclusive futures. This text offers a poetic and political reading of the city as a sacred space, where Black culture becomes a force of re-enchantment, identity, and social justice.

Keywords: ancestral architecture; black culture; collective memory; cultural resistance; urban territories.

¹ Especialista em Smart Cities (Unyleya) e em Neuroarquitetura (IPOG). Arquiteta e Urbanista, graduada pela Universidade Estácio de Sá - Niterói/RJ (FAUUNESA), com formação técnica em Design de Interiores pela mesma instituição. Atua como tutora no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Anhanguera Educacional - Niterói/RJ. Pesquisadora independente em Urbanismo, em preparação para candidatura a programa de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. E-mail: carolalemosarquitetura@gmail.com

Introdução

A construção das cidades modernas², com seu foco na funcionalidade dos espaços e na exclusão de ornamentos, frequentemente desvincula-se das raízes históricas e culturais que lhes deram origem. Essa busca por eficiência, muitas vezes desprovida de referências ao passado, desconsidera os saberes ancestrais dos povos originários e das comunidades tradicionais. A esses grupos foi negado o direito de pertencimento aos territórios que historicamente habitaram, o que resultou no apagamento de suas culturas e memórias, em prol de planejamentos urbanos e arquitetônicos excludentes.

Os espaços construídos devem ser compreendidos para além de seus limites físicos. Representam também uma mobilidade de conexão ancestral, característica das culturas africanas, cujas manifestações independem das tecnologias contemporâneas. O corpo africano é entendido como um mapa — um verdadeiro atlas vivo — que carrega consigo os caminhos, os saberes e as experiências da comunidade. É a partir do corpo e da vivência coletiva que o espaço se constitui; a comunidade, portanto, é a criadora da cidade.

Esse ambiente urbano resulta da agregação de indivíduos, da valorização da terra e da imaterialidade do ar, revelando uma concepção ampliada e sagrada da existência. O lar, nesse contexto, não é apenas abrigo, mas fonte de vitalidade: um lugar de força, proteção e vida. A comunidade não se fecha em si mesma — ela irradia, expande-se e conecta-se com o entorno.

Os fundamentos dessa forma de existência estão ancorados na terra, no axé³ e nas raízes espirituais que sustentam a coletividade. Há profundo respeito pelos donos originários do Brasil — povos indígenas, caboclos e outras entidades da cosmovisão afro-brasileira —, cuja presença é reverenciada por meio da religiosidade e da valorização da natureza. Agredir o meio ambiente, sob essa ótica, é agredir a própria comunidade, pois tudo está interligado.

Vive-se, assim, o princípio do trans, que significa ir além de si para reconhecer o outro. Olhar para fora torna-se também um caminho para o autoconhecimento e a expansão pessoal. A comunidade define-se pela abertura e pelo encontro, não pelo isolamento. Ela é movimento, política e resistência. Agregar pessoas é, por si só, um ato de diplomacia.

Nesse sentido, metrópole e comunidade se entrelaçam. A cidade é polis, mas também é terreiro⁴ — espaço onde nascer, morar e viver se confundem. O território pertence à comunidade. E esta, por sua vez, não é um corpo fechado, mas um organismo aberto ao mundo. Torna-se, portanto, necessário aprender a enxergar para além da porteira, ultrapassando os limites visíveis, a fim de reconhecer as múltiplas formas de existência que sustentam o território e a vida coletiva.

Propõe-se, aqui, uma reflexão sobre os vestígios da cultura africana na arquitetura brasileira, que valorizam e resgatam a ancestralidade na criação de espaços urbanos e arquitetônicos mais humanos e enraizados. A partir de uma abordagem fundamentada

² Na linha do tempo da arquitetura, há um instante em que o traço rompe com seus ancestrais: nasce a arquitetura moderna. Essa cisão se revela em muitos gestos, mas é na recusa do ornamento — outrora símbolo e linguagem — que ela firma sua identidade. Entre tantas mudanças, é o silêncio imposto à ornamentação que marca, com mais força, a diferença entre o novo e o que veio antes.

³ A palavra "axé", derivada do termo iorubá *àṣẹ*, carrega consigo o sentido de energia vital, força que movimenta, poder que sustenta e transforma.

⁴ *Pólis* é a cidade-estado da Grécia Antiga, dotada de autonomia política, leis e governo próprios; *terreiro* é o espaço ancestral afro-brasileiro de saberes, rituais e memória coletiva. A expressão ressalta a cidade como lugar de política e ancestralidade (Sodré, 2017).



tanto em autores contemporâneos — como Kijani Menfesawi (2023), arquiteto e urbanista especializado em arquitetura ancestral, professores Nego Bispo (2017) líder quilombola, ativista e filósofo, Muniz Sodré (2024) sociólogo e jornalista — quanto em tradições orais e saberes populares⁵. Tais práticas oferecem alternativas às soluções padronizadas e homogêneas que dominam os centros urbanos, promovendo vitalidade e sentido de pertencimento. Baseada nos pilares das civilizações originárias africanas, da sustentabilidade e da identidade cultural, essas práticas constituem caminhos possíveis para a construção de cidades mais sensíveis, inclusivas e conectadas à sua ancestralidade.

Raízes Invisíveis que Sustentam Moradas: A Arquitetura como Memória Ancestral

Em meio ao concreto das cidades e ao traçado das residências, pulsa uma memória ancestral que resiste ao apagamento histórico. A valorização da natureza e do que é natural transcende a dimensão estética, configurando-se como um gesto de reconexão com saberes que moldaram espaços muito antes da colonização europeia.

Questionar por que a Grécia é frequentemente apontada como o berço da civilização nos cursos de arquitetura é abrir espaço para outras narrativas possíveis. Afinal, fósseis com mais de 4,5 milhões de anos foram encontrados na Etiópia, evidenciando que a história da humanidade possui raízes profundas no continente africano.

Entretanto, ao se analisar a arquitetura contemporânea e o modo como ela é ensinada, percebe-se certo distanciamento desses conhecimentos originários. Nossos ancestrais arquitetos⁶ dominavam saberes que integravam astrologia, astronomia, construção

⁵ Este ensaio constitui um estudo crítico independente, desenvolvido a partir de análise pessoal e pesquisa autoral sobre ancestralidade negra, urbanidade e modos de habitar, não estando vinculado a projeto institucional específico.

⁶ Imhotep, homem negro de múltiplos dons — considerado o 1º arquiteto, médico e engenheiro além de sacerdote — ergueu a primeira pirâmide, abrindo caminho para uma arquitetura que ecoaria pelos séculos. À beira do rio Nilo, entre 4000 e 30 a.C., floresceram formas grandiosas: templos que tocam o céu e pirâmides que guardam segredos milenares. Sem abundância de madeira, a terra e a pedra tornaram-



Figura 2 - Sankofa nos portões. Fonte: UFMG/ Segredos do Mundo, 2022.

e engenharia — muito antes do processo de colonização. Eram construtores de estruturas monumentais, cuja complexidade ainda hoje desafia as explicações técnicas convencionais.

No Brasil, as expressões arquitetônicas carregam as marcas das mãos negras escravizadas. Mesmo forçadas a suprimir suas culturas de origem, essas populações encontraram meios de manter viva a sua ancestralidade. Um exemplo significativo é o símbolo Sankofa, do povo Akan, originário da Costa do Marfim e de Gana. Representado por um pássaro que olha para trás ou por um coração estilizado, o ideograma Sankofa carrega o significado de “retornar ao passado para construir o futuro”.

Esse símbolo passou a ser incorporado discretamente nos portões das casas das elites brasileiras, por meio do trabalho dos ferreiros negros. A cada novo africano que chegava, o reconhecimento desse sinal trazia conforto e um senso de pertencimento. Tratava-se de uma forma silenciosa de comunicação e resistência, um emblema de empoderamento e preservação cultural.

Contudo, atualmente, esses portões e símbolos tornaram-se raros. A mão de obra tradicional se tornou escassa, e essa prática, antes comum, assumiu um caráter meramente decorativo ou herança material⁷, perdendo parte de sua potência simbólica.

se matéria-prima sagrada — tijolos moldados ao sol, pedras que guardam a memória do tempo, calcário, arenito e granito, esculpidos para eternizar a fé, a realeza e o mistério. Enquanto as pedras firmavam os templos e tumbas, os tijolos erguiam palácios e muralhas, tecendo a trama das cidades e dos complexos sagrados.

⁷ Por um passado ainda próximo, o ideograma estava presente não só nos portões, mas também nas janelas, móveis externos, suportes de plantas e guarda-corpos — símbolos que teciam a vida cotidiana ao espaço construído.



Quando a Cidade Apaga, a Memória Retorna: Rastros Ancestrais em Resistência

Observam-se técnicas construtivas tradicionais, como o pau a pique e o tijolo cerâmico — este último amplamente difundido e utilizado nas construções populares. Esses métodos carregam influências das abóbadas nubianas, originárias do antigo Império da Núbia — região que compreende territórios do atual Egito e da Etiópia. Como observa o arquiteto etíope Kijani Menfesawi (2023), essas formas construtivas de terra crua revelam conexões ancestrais profundas entre o ato de construir e a espiritualidade do território africano,

reverberando em experiências afro-diaspóricas como as da arquitetura popular no Brasil⁸. No país, tais técnicas foram adaptadas às condições locais, especialmente nas moradias das classes populares⁹.

As casas erguidas com tijolo cerâmico aparente evocam, visual e esteticamente, a materialidade ancestral das abóbadas nubianas, tanto pela textura e coloração terrosa quanto pela autenticidade construtiva que expressam.

8 MENFESAWI, Kijani. *Conexões ancestrais na arquitetura afro-baiana* [vídeo], 2023. Arquiteto etíope, Menfesawi destaca os paralelos entre as técnicas vernaculares africanas e os modos de construir das comunidades negras no Brasil, apontando a construção como expressão espiritual do pertencimento territorial.

9 No contexto afro-diaspórico brasileiro, essas técnicas se resignificam como saberes ancestrais e estratégias de resistência cultural. Elas se alinham ao pensamento decolonial e à valorização da memória, do corpo e do território nas comunidades negras, conforme discutem Lélia Gonzalez em *Lugar de fala* (1989), Achille Mbembe em *Crítica da razão negra* (2019), e Abdias Nascimento em *O genocídio do negro brasileiro* (1978). A esse diálogo se soma ao diálogo de Kijani Menfesawi, que, em *Conexões ancestrais na arquitetura afro-baiana* (2023), enfatiza as continuidades entre as práticas construtivas africanas e os modos de habitar das populações negras no Brasil.



Figura 4 - Casa em tijolo cerâmico aparente. - Comunidade em Monte Alegre/ Pará. Fonte: Facebook, 2024.

Outro aspecto presente nas práticas construtivas é o ato de construir com as próprias mãos. A energia depositada por quem constrói é, simbolicamente, transferida para o ambiente, estabelecendo uma conexão espiritual com o espaço habitado. Essa relação é particularmente perceptível em comunidades onde o saber construtivo é transmitido oralmente, de geração em geração, preservando modos de fazer ancestrais.

A prática de deixar os tijolos aparentes constitui uma marca registrada nas periferias urbanas, estando também presente em arquiteturas contemporâneas de caráter mais sofisticado, com uma abordagem estética “abrasileirada”. Tais práticas configuram-se como heranças culturais enraizadas no cotidiano das populações afrodescendentes.

Com o fortalecimento do movimento negro, observa-se um processo crescente de resgate desses saberes ancestrais. A arquitetura, nesse contexto, transforma-se em um campo de reconexão identitária e espiritual, reafirmando a importância de revisitar o passado como estratégia para a construção de um futuro mais justo, enraizado nas origens culturais.

Em muitas famílias, as residências são construídas em um mesmo terreno, o que contribui para a formação de uma rede de apoio mútuo e para o fortalecimento dos laços comunitários. Nesses espaços, observa-se um vínculo significativo com a natureza, evidenciado pela presença de uma grande diversidade de espécies paisagísticas cultivadas pelos próprios moradores. Muitas dessas plantas possuem funções terapêuticas, como as ervas medicinais, cujo conhecimento é tradicionalmente preservado pelos membros mais velhos da família.

Além disso, são cultivadas espécies frutíferas, hortaliças e legumes, que, além de compor a alimentação cotidiana, são utilizadas na criação de pequenos animais e na produção de adubos naturais. Essas práticas remetem à lógica da roça em comunidades quilombolas, revelando um sistema agrícola ancestral integrado ao modo de habitar.



Entre essas espécies, destaca-se a Espada-de-São-Jorge, planta africana de forte presença, ergue-se nas entradas e corredores com significado profundo. Mesmo que muitos não reconheçam sua ligação com o orixá ou o santo sincretizado, é comum que sintam sua força simbólica — planta capaz de purificar o ar e eliminar toxinas como benzeno e formaldeído, como apontam estudos nacionais que dialogam com pesquisas realizadas pela NASA.¹⁰

Mais que estética, sua presença é símbolo e proteção, um escudo vivo que filtra o ambiente, trazendo saúde e equilíbrio. Ao entrar, mesmo quem desconhece sua ancestralidade percebe a serenidade que ela carrega.

Essa prática é gesto ancestral, memória viva no cotidiano — o lar como território compartilhado, onde o social e o espiritual se entrelaçam para sustentar a coletividade. Na arquitetura brasileira, essa herança pulsa em formas orgânicas que costuram o público e o privado, revelando os saberes e as identidades negras que resistem e habitam o espaço.

Ritualizar o Espaço: Práticas Urbanas de Resistência e Reencantamento

O arquiteto Kijani Menfesawi propõe uma arquitetura afrocentrada, conectada à espiritualidade e à memória coletiva. Para ele, “o espaço é extensão do corpo ancestral e da experiência comunitária” (Menfesawi, 2017, p. 45). Muniz Sodré entende a ancestralidade como uma forma de estar no mundo, ligada à oralidade, ao ritual e à coletividade, em contraponto à lógica fragmentária ocidental: “a ancestralidade é um modo de resistência e reconstrução cultural que rompe com o tempo linear e colonizador” (Sodré, 2015, p. 78). Já Nego Bispo valoriza os saberes herdados da terra

10 Diários Associados (Estado de Minas). “NASA confirma que essa planta pode eliminar agentes cancerígenos”, *Estado de Minas – Em Foco*, 25 jun. 2025. Destaca que, conforme pesquisas da NASA, a Espada-de-São-Jorge (*Sansevieria trifasciata*) remove até 73 % dos agentes cancerígenos do ar, entre eles benzeno, formaldeído e xileno.



e da oralidade, propondo a ancestralidade como “tecnologia social de resistência e modo de vida coletivo, que preserva o vínculo entre passado e presente” (Bispo, 2019, p. 102).

A herança ancestral manifesta-se na adaptação criativa aos recursos disponíveis, na transformação coletiva do espaço e na resistência cotidiana. Ressignificar o espaço urbano implica reconhecer o valor de práticas como a construção comunitária, o uso de materiais locais, o cultivo coletivo, os rituais públicos, as festas tradicionais, a extensão do quintal para o espaço público e a gestão comunitária da água — tecnologias sociais ancestrais que resistem nas margens das cidades formais.

A arquitetura e o urbanismo em comunidades periféricas, com forte presença negra, exemplificam como a apropriação do espaço público e privado se transforma em prática de resistência e pertencimento.

A construção das moradias com tijolos de cerâmica, elemento marcante nos subúrbios, comunidades e favelas — muitas vezes realizada de forma improvisada — reflete a luta pelo enfrentamento das desigualdades, criando uma configuração espacial que remete a práticas ancestrais e de convivência coletiva¹¹.

Além disso, a música — como o samba e o funk — que narra o cotidiano, as histórias, a cultura e a religião, registra a vida dessas comunidades, assim como as cantigas antigas da capoeira e algumas cantigas religiosas de matriz africana. O modo de vestir e os diversos estilos de cabelo, como as tranças, historicamente utilizadas como códigos de orientação para caminhos até os quilombos, também se inserem nesse processo de apropriação do espaço.

11 Observa-se na imagem 7 a presença de referências simbólicas e estéticas que evocam a ancestralidade africana: à esquerda, o símbolo Sankofa compõe o mobiliário como gesto de retorno à memória; diante de uma parede de tijolos cerâmicos mal pintados, distribui-se uma diversidade de espécies paisagísticas — elementos que expressam os traços da cultura afro-brasileira no espaço construído.

Figura 7 –Reunião familiar na zona Norte de Niterói-RJ. Fonte: Acervo particular,1988.



As ruas e becos tornam-se palcos de festas e danças, mas essas sonoridades também se estendem para dentro das casas, transformando os ambientes familiares em espaços de resistência cultural e afirmação de identidade. A presença constante da música na vida cotidiana e nos espaços públicos revela uma relação profunda com a cidade, na qual sons e ritmos formam parte integral da paisagem e do modo de vida. Essa relação é exemplificada na canção *Meu nome é favela*, do sambista Arlindo Cruz¹², cuja letra reforça o pertencimento ao território e a celebração das práticas populares cotidianas:

Meu nome é favela
É do povo, do gueto a minha raiz
Becos e vielas
Eu encanto e canto uma história feliz
De humildade verdadeira
Gente simples de primeira (Cruz,2005).

Entre o Visível e o Invisível: Semeaduras para um Futuro Ancestral

Entre o que se vê e o que se sente, há uma dimensão que escapa à lógica racional e linear do pensamento moderno. Essa dimensão — onde os gestos cotidianos guardam significados profundos e os territórios carregam histórias não ditas — é a base de uma cosmologia que resiste ao apagamento. Os saberes que florescem da experiência negra e ancestral são tecidos na convivência, na oralidade e na escuta sensível do mundo. São conhecimentos que não se encerram em fórmulas ou manuais, mas que ganham forma na relação viva entre o corpo, a terra e o sagrado.

¹² A canção "Meu Nome É Favela", de Arlindo Cruz, celebra a essência das comunidades e subúrbios cariocas, onde o samba pulsa como coração da cultura popular. Sua letra revela o cotidiano simples e genuíno da favela, exaltando a autenticidade e a fidelidade de seus moradores. O refrão, "Meu nome é favela", ecoa como um brado de identidade e pertencimento profundo.



Figura 8 –Dança do Passinho. Fonte: Voz das Comunidades,2025.

A ancestralidade, nesse contexto, não é uma herança estática do passado, mas uma força que reorganiza o presente e aponta caminhos para o porvir. Não se trata de um retorno nostálgico, mas de um movimento contínuo de atualização do que permanece essencial. Como afirma Manuela Carneiro da Cunha, “os conhecimentos tradicionais são formas sistemáticas de conhecimento, transmitidas oralmente e incorporadas na prática cotidiana” (Cunha, 2009, p. 27). Esses saberes trazem uma leitura profunda dos ciclos da vida, da natureza e das relações comunitárias.

Cultivar o invisível — aquilo que a cidade tenta silenciar ou esquecer — é um gesto revolucionário. É perceber que o invisível sustenta o visível: as plantas no quintal, o portão com símbolos, a casa erguida em mutirão, o canto entoado na roda. Cada gesto carrega uma dimensão espiritual, política e ancestral. Como destaca Sidnei Nogueira, “o sagrado não está apartado da vida cotidiana. Ele está em tudo: no alimentar, no dançar, no cuidar, no cantar” (Nogueira, 2020, p. 49).

Os povos negros e indígenas, há séculos, ensinam que o saber está nas relações: entre humanos, entre espécies, entre mundos. Esse modo de viver desloca o centro da razão individual para um campo coletivo, em que o conhecimento não se separa da responsabilidade. Eduardo Viveiros de Castro propõe o perspectivismo ameríndio como uma ontologia em que “cada espécie ou tipo de ser vê a si mesmo como humano” (Castro, 2002, p. 376), ou seja, o mundo é tecido por múltiplas perspectivas que coexistem em equilíbrio dinâmico.

Ao valorizar o que foi desvalorizado — o gesto simples, o cuidado compartilhado, a espiritualidade presente no cotidiano — abre-se espaço para outras formas de pensar o urbano, de construir moradas e de sonhar futuros. Como aponta Wanderson Flor do Nascimento, “ancestralidade não é nostalgia. É permanência ética, é presença do passado que exige responsabilidade no presente” (Nascimento, 2021, p. 27).

Se o pensamento colonial construiu muros entre natureza e cultura, espírito e matéria, casa e cidade, o pensamento ancestral é ponte. É travessia. É linguagem que não teme o silêncio. Os territórios onde essa sabedoria germina desafiam o olhar técnico e propõem uma ética baseada na escuta, no respeito à diferença e no compromisso com a continuidade da vida.

Semeiam-se, assim, novas possibilidades de cidade — mais do que estruturas físicas, são redes vivas de cuidado, pertencimento e memória. Um futuro verdadeiramente ancestral não pode prescindir daquilo que ainda pulsa nos interstícios: o invisível que sustenta a dignidade¹³, o canto que atravessa o tempo, a força que vem da raiz.

6. Considerações finais

A arquitetura ancestral pode ser compreendida como uma semente: sua reprodução não ocorre pela simples imitação das formas visíveis, mas pelo cultivo da essência invisível que lhe deu origem. Trata-se de uma dinâmica silenciosa entre o cosmos e a terra, entre o espírito e a matéria, que orienta a criação de espaços vivos e perenes. Mais do que uma prática construtiva, configura-se como um gesto político e poético de resistência. A proposta aqui apresentada é a de um retorno à ancestralidade, não como exercício de nostalgia, mas como estratégia para a construção de futuros nos quais o espaço habitado se consolide como território de memória, pertencimento, justiça social e celebração coletiva.

Trata-se da valorização de espaços nos quais múltiplos modos de vida coexistem, ressignificam e se recriam continuamente, transformando-se em ferramentas de reencantamento do mundo. Tais práticas contribuem para a preservação da memória, da identidade e da resiliência das comunidades historicamente marginalizadas.

É nesse entrelaçamento entre passado, presente e futuro que se vislumbra a possibilidade de construção de cidades mais humanas, sustentáveis e enraizadas nos saberes originários. A ancestralidade, nesse contexto, não deve ser entendida apenas como herança cultural, mas como prática viva e dinâmica, capaz de reencantar os modos de habitar e de pensar o mundo.

Referências

BISPO, Nego. *Aula Confluências Quilombolas Contra a Colonização* [vídeo]. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I5NQyMS0apl>. Acesso em: 10 abr. 2025.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. *A inconstância da alma selvagem: e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

ESTADO DE MINAS. NASA confirma que essa planta pode eliminar agentes cancerígenos. *Estado de Minas – Em Foco*, 25 jun. 2025. Disponível em: <https://www.em.com.br/emfoco/2025/06/25/nasa-confirma-que-essa-planta-pode-eliminar-agentes-cancerigenos/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

GONZALEZ, Lélia. *Lugar de fala*. Rio de Janeiro: Pallas, 1989.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

MENFESAWI, Kijani. Conexões ancestrais na arquitetura afro-baiana [vídeo]. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XmBk0yRk2hU>. Acesso em: 30 abr. 2025.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. *Filosofia africana: uma introdução*. São Paulo: Jandaíra, 2021.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Brasiliense, 1978.

NOGUEIRA, Sidnei. *Teologia negra: o sagrado afro-brasileiro em perspectiva*. São Paulo: Selo Negro, 2020.

SODRÉ, Muniz. *Pensar Africanamente* [vídeo]. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9r8MsjpGTJ0>. Acesso em: 08 mai. 2025.

SODRÉ, Muniz. *Território do ouvir: a cultura mediática entre o local e o global*. Petrópolis: Vozes, 2017.

CRUZ, Arlindo. *Meu nome é favela*. 2005. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/arlindo-cruz/933834/>. Acesso em: 30 jun. 2025.

¹³ O reencantamento do urbano implica reconhecer os gestos invisíveis que estruturam a vida coletiva. Esse reconhecimento não depende de visibilidade midiática ou institucional, mas de uma sensibilidade para os ritmos, símbolos e práticas que persistem nos interstícios da cidade formal — muitas vezes marginalizados como “informais”, mas que carregam outras formas de existência, resistência e conhecimento.